DISCURSO DO RECIPIENDÁRIO (MIGUEL ÂNGELO DE AZEVEDO)

Chego, hoje, à Casa do Barão de Studart, aos 58 anos incompletos, através do sufrágio de 25 dos 33 votantes, para ocupar a Cadeira até então pertencente ao ilustre consócio Dr. Manoel Albano Amora.

É grande a responsabilidade de ocupar uma cadeira nesta Casa, como é do conhecimento de todos os sócios, mas se torna muito maior quando o ocupante anterior tem um lastro de trabalho e méritos altamente significativos e supondo-se que deveria ser o seu substituto capaz de continuar o seu magnífico desempenho.

A indicação do meu nome para componente desta Casa partiu do escritor Fernando Câmara, que me comunicou pelo telefone a sua intenção de apresentar-me como candidato à sócio desta instituição cultural centenária.

Estava eu convalescendo de uma micro-cirurgia nas cordas vocais e impossibilitado de falar. Só ouvi. Nada pude dizer, mas fiquei, por vários dias, a pensar no que teria eu feito para merecer o convívio com os ilustres especialistas nas diversas áreas do conhecimento humano, na qualidade de Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Fazendo uma análise dos sócios do Instituto, encontrei em todos eles qualidades que em mim não encontrava.

No início, relutei em aceitar tão imensa responsabilidade, mas na minha impotência de protestar, por falta de fala, deixei que o nome fosse surgindo e crescendo, em comentários de jornais e que a minha candidatura nascente fosse conhecida através de comunicação entre amigos.

Quando pude falar, já trazia na mente a conclusão de que ninguém melhor para decidir se eu merecia ou não estar ao lado dos só-

cios de tão importante órgão do que seus próprios componentes e, então, submetí-me ao seu veredito, pois talvez julgassem que eu poderia realizar algo de útil. transferi, assim, a minha responsabilidade. Fui candidato sem fazer campanha, mesmo porque estava impossibilitado de realizá-la.

Desnecessário dizer que muito me honra pertencer a esta Egrégia Casa. Mas um sentimento novo invade-me neste momento – o orgulho. Pertencer a este nobre Cenáculo já é motivo e orgulho para os Mestres que aqui se encontram, quanto mais para mim, que não me considerava digno de tal honraria.

Minha formação cultural iniciou-se ainda na infância, quando me embevecia com as discussões entre meu pai, Otacílio de Azevedo, e meu irmão Rubens, quando eram evocadas cenas de peças como a de Victor Hugo descrevendo o polvo de Gilliat, até às de Conan Doyle, com o seu Cão de Baskerville; nas artes, a pintura era uma constante, pois além do conhecimento que possuíam a respeito da matéria, exerciam-na através do óleo, da aquarela e do nanquim.

Aprendi com eles o gosto pela música romântica, tanto erudita quanto popular. Mais tarde, com minha irmã Consuleo, nasceu meu interesse pelo desenho e pelas línguas – muito embora até agora não me tenha dedicado como devia ao estudo de outros idiomas.

Muito cedo também nasceu o meu interesse pela Heráldica, cujas primeiras noções me vieram através das antigas estampas que eram distribuídas pelo sabonete Eucalol. Cheguei a iniciar-me na filatelia e na numismática.

Ao tornar-me adulto, sentindo que a música brasileira enveredava por direções e caminhos alheios às suas raízes, passei a colecionar discos de música antiga, vindo a ser detentor de uma das maiores coleções de discos 78 rotações, os chamados discos de cera, do País.

Tais coleções têm sido acompanhadas pelo estudo de literatura especializada, de maneira que me tornei também um pesquisador de música popular brasileira.

A partir daí, colecionando postais antigos de Fortaleza, veio isso a tornar-se minha grande paixão. Tive então que recorrer a meu pai e à literatura existente sobre os vários aspectos de nossa Cidade, encontrando os melhores elementos nas obras de Mozart Soriano Aderaldo, Gustavo Barroso, João Brígido, José Liberal de Castro, Raimundo Girão, Hugo Victor, Raimundo de Menezes, João Nogueira, Antônio Bezerra e Barão de Studart, só para citar os que se especializaram no estudo das memórias e formação da Cidade.

Recorri também à literatura oficial, como relatórios, almanaques,

boletins estatísticos, álbuns, etc. Foi nesta fase do meu trabalho discográfico e de pesquisa sobre a formação cultural e as tradições de nossa Capital que conheci, em sua casa, situada na esquina das Ruas Major Facundo com Pedro Primeiro, o elegante e educado intelectual Manoel Albano Amora, cuja Cadeira neste Sodalício tenho a subida honra de ocupar como Sócio Efetivo.

Quando digo elegante não quero significar somente a sua elegância no vestir, que aliás é conhecida de todos, mas a elegância natural de seus hábitos, a polidez e atenção com que tratava os que lhe solicitavam qualquer informação.

Nasceu Manoel Albano Amora em Fortaleza no dia 19 de outubro de 1915, ano castigado por uma das mais terríveis secas sofridas pelo Nordeste e tão bem descrita por Rodolfo Teófilo. Era filho de Carlos Albano Amora e Amália Teixeira Albano, ele nascido em Parangaba e falecido em Fortaleza em 1961; ela nascida em 1886, oriunda da família Teixeira de Sousa, do Rio Grande do Norte.

Fez Albano seus primeiros estudos nos colégios Cearense, Castelo Branco e Liceu do Ceará. Bacharelou-se pela Faculdade de Direito do Ceará, tendo colado grau em 16 de dezembro de 1939, turma ilustre, onde vários nomes de projeção posterior lá estavam, entre eles o consócio deste Instituto, Itamar de Santiago Espíndola, dois anos mais moço que Albano Amora.

Foi Albano Amora redator da Revista da Faculdade durante o curso jurídico e em 1939, da Revista Acadêmica de caráter humorístico **Seu Doutor.**

Deixou Fortaleza, por força do exércicio de sua profissão, primeiramente quando exerceu o cargo de Promotor Público de Juazeiro do Norte, depois de Uruburetama e de Baturité. Foi Promotor de Justiça Substituto e 3º Promotor de Justiça da Comarca de Fortaleza. Por quatro vezes ocupou o cargo de Subprocurador Geral do Estado, sendo as duas últimas por nomeação do Governo Estadual. Foi Procurador da República no Ceará. Presidiu a Associação Cearense do Ministério Público e a Sociedade Cearense de Geografia e História – esta por vários mandatos.

Como professor esteve por dez anos ocupando a Cadeira de Direito Penal na Escola do Serviço Social de Fortaleza.

Foi professor do ensino médio nos colégios São José, Santa Maria e Fênix Caixeiral, onde ensinava o idioma francês, com registro expedido pela Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Edcuação e Cultura. Foi Professor Titular de Direito Internacional Privado na casa

onde se formou, a hoje Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, onde foi ainda Assistente da disciplina Direito Administrativo.

Exerceu a Subchefia do Departamento de Estudos Propedêuticos, chegando a assumir a Chefia e foi membro do Conselho Departamental. Foi, ainda, Orientador da disciplina "Estudos de Problemas Brasileiros".

Foi homenageado em 1972 quando a turma daquele ano denominou-se "Turma Professor Manoel Albano". Paraninfou a Turma de 1975.

No Conselho Superior do Ministério Público, foi Conselheiro, tendo ocupado o cargo de Secretário.

Foi ainda Manoel Albano Amora um dos fundadores do Instituto Clóvis Beviláqua e Diretor do Museu Histórico e Antropológico do Ceará, e do Departamento do Patrimônio Cultural da Secretaria de Cultura do Estado na Gestão do Secretário Raimundo Girão (1966-1971). Pertenceu ao Conselho Estadual de Cultura, reconduzido mais de uma vez.

Como escritor publicou "Páginas Jurídicas", "Estudo Sobre a Nacionalidade do Direito Brasileiro", "Manhã de amor" (1938), "Elogio de Tomás Lopes" (1956), "A Academia Cearense de Letras" (1957), "Na Casa do Barão de Studart" (Discurso com Raimundo Girão – 1957), "Bibliografia de Mário Linhares" (1959), "Pacatuba – Antologia do Centenário", com Artur Eduardo Benevides e Eduardo Campos (1969), "Pacatuba – Geografia Sentimental" (1972), "Céu Azul, Verde Mar" (poemas, 1973), "O Centenário da Abolição em Pacatuba" (1984). Seu poema "Vitrola" foi traduzido para o espanhol por Gastón Figuera, que o publicou no livro "Poesia Brasileira Contemporânea", em 1947.

Manoel Albano Amora pertencia à Academia Cearense de Letras, à Academia Cearense de Genealogia, ao Instituto dos Advogados do Ceará, à Academia Cearense de Letras Jurídicas, como membro efetivo, e à Sociedade Cearense de Geografia e História, onde foi Presidente e também ao Instituto do Ceará, onde foi Secretário Geral.

Como Sócio-Correspondente pertenceu a vários Institutos Históricos Brasileiros, valendo mencionar: Instituto Arqueológico Pernambucano, Instituto Histórico e Geográfico de Niterói, Instituto Histórico de Goiânia, Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana, Centro de Ciências e Letras de Campinas, Academia de Ciências Sociais e Políticas de São Paulo. Instituto Cultural do Cariri, Instituto Cultural do Vale Caririense, Ateneu Angrense de Le-

tras e Artes, etc.

Participou Albano Amora de muitos congressos: VIII Congresso Nacional de Direito em 1959; Congresso Nacional de Filosofia, 1962; Congresso de Direito Social, 1941; V Congresso Nacional de Jornalismo, 1959; II Congresso Cearense de Escritores, 1974.

Entre as honrarias com que foi distinguido, podemos contar: Medalha Clóvis Beviláqua, Medalha Plácido de Castro, Medalha Imperatriz Leopoldina, Medalha Gustavo Barroso, Medalha do Centenário do Instituto do Ceará, Medalha do Centenário do Instituto Arqueológico de Pernambuco, Medalha do Cinquentenário do Instituto Geográfico e Histórico de São Paulo, além de outras.

Manoel Albano Amora casou-se no dia 29 de março de 1941 com Maria Arruda Frota, nascida em 28 de outubro de 1920, professora diplomada, filha do médico José Ribeiro da Frota e Guiomar Arruda. Do casal nasceram: José Carlos Frota Amora, Manoel Albano Amora Filho, Maria de Lourdes Frota Amora, Antônio Alexandre Albano Amora, Fernando Frota Amora e Maria Bernadete.

Mas quis o destino que fôssemos nós privados de sua convivência e no dia 2 de junho deste ano, Manoel Albano Amora fechava os olhos para sempre, mas deixando um trabalho que o fará permanecer sempre vivo através de tudo o que produziu.

Este, Senhoras e Senhores, o homem que diginificou o Instituto do Ceará e tantos outros a que pertencia, honrou e ilustrou a cultura cearense e brasileira. É autor citado em obras nacionais de grande penetração, como o "Dicionário Literário Brasileiro", de Raimundo de Menezes, "Brasil e Brasileiros de Hoje", de Afrânio Coutinho, "Dicionário da Literatura Cearense", de Raimundo Girão e Maria Conceição Sousa, e "Direito Internacional Privado", de Oscar Tenório.

* * *

Ao distinto e talentoso intelectual, Professor João Hipólito Campos de Oliveira, cabe-me agora agradecer as palavras de saudação com que interpretou os sentimentos seus e dos demais sócios que o elegeram para a incumbência.

Como expressei anteriormente, a escolha de meu nome para compor o quadro de sócios do Instituto do Ceará, nobre Casa do Barão de Studart, Pompeu Sobrinho e Raimundo Girão – confere-me enorme responsabilidade, porque terei que me ombrear com tantos luminares das ciências, em nosso Estado, o que constitui tarefa gigantesca e inatingível.

As palavras do Professor João Hipólito calaram fundo no meu coração, pelo tom generoso e afável com que se referiu a mim e à minha família. Família que, nas suas palavras, constituía uma "ativa e altiva oficina de trabalho" e onde sempre – posso assim acrescentar – sempre se recebeu a visita de escritores, poetas, artistas, levando-nos a uma constante aspiração de progredir e alcançar o mesmo aprimoramento intelectual que tanto admirávamos.

O meu ilustre apresentador tem o dom de colocar as palavras nas acepções mais humanas e ao mesmo tempo definidoras das memórias mais felizes, deixando transparecer a generosidade do seu espírito bem formado, quando empresta ao objeto de seu estudo, uma pessoa como eu, tantos méritos e qualidades e talentos inexistentes.

Com o privilégio que me foi concedido de passar a fazer parte desse grupo de intelectuais e cientistas do Instituto do Ceará, reconheço que, agraciado com essa imensa dádiva, terei que realizar um trabalho sério de aprimoramento intelectual, completar as bases dos meus estudos e direcionar melhor todas aquelas atividades a que me dedico, ampliando-as e cuidando-as com o método cuidadoso de sempre, mas, ainda com a amplitude das considerações políticas e sociológicas, abrangendo o universo das idéias.

A didática do intelectual João Hipólito, Professor Emérito, cuja vida é uma lição de civismo, reflete-se em seus arrazoados nesse magnífico discurso de saudação.

Assim é que consegue mostrar, através de seu excelente exemplo de Mestre, em toda a sua vida profissional, o caminho certo para o aprimoramento dos valores jovens.

Não é de admirar que ele examine, com interesse e cordialidade, as atuais circunstâncias de minha eleição para o Instituto do Ceará, onde, diga-se a verdade, deveríamos chegar já munidos de todos os apetrechos da cultura e da sabedoria.

Recebo, através de suas palavras, o voto de confiança que procurarei honrar, a partir de hoje, para que os meu pares me aceitem, de pleno direito, futuramente.

É um propósito firme.

É um compromisso.

Muito obrigado.